TERRA DE OURO

Na fazenda São José — Subterraneo a dentro — Chico Loterio, da Freguezia do O' — Idéas de garimpeiro — O encantamento dos mineraes

II

SUBTERRANEO A DENTRO

A experiencia do sr. Robert Davidson aconselhou:

— Os senhores arregacem as calças e tirem o "paletot", como medida de prudencia. Depois, emquanto estivermos andando lá por dentro, não desprezem os olhos desta lanterna, que nos guiará de modo a evitar os provaveis buracos e poças de lama...

Entramos. O subterraneo aberto no morro do Cantagallo é um buraco estreito e da altura mais ou menos de um homem. Como dissemos na primeira parte desta reportagem, hontem publicada, esse tunnel foi feito para que se pudessem descobrir os filões de quartzo aurifero, cujos vestigios apareciam na superficie do morro. Como já se contou, tambem, graças a umas ramificações que se fizeram pelo subterraneo a dentro, a grande veia geradora de chumbo e sulfitos de ferro, ouro, prata e cobre, póde ser encontrada.

— Olhem. O filão vae por aqui. Alli elle se desvia um pouco...

E o sr. Robert Davidson ia batendo com o martelo na parede do tunnel. E emquanto o aço pesado castigava a pedreira, que largava, falsca, nós, menos attentos ás palavras do engenheiro, procuravamos a vida que se passava alli dentro.

O leitor, decerto, já viu no cinema uma mina em exploração. Dentro do subterraneo, uma porção de homens gracados, cavocando: ao lado de cada um, a lusinha frouxa de uma lampada; aqui uma, alli outra. A terceira já adiante, estas fixas, aquellas se movendo na mão de alguem que caminha, são como vagalumes salpicando de pontos luminosos a noite escura do subterraneo humido; humido... ahi está um detalha que o leitor, com certeza, não conhece, e que é, no entanto, o supplicio maior dos que trabalham nas minas: o chão é de lama, as paredes, onde não ha pedra, são de lama, e o tecto, de lama, abre-se em goteiras, resinando pingos de agua barrenta...

— Agui, como vêem, tivemos de descer. O filão segue lá para baixo.

... agora é um carrinho que passa carregando minerios. Os olhos do homem, que o conduz, nem mais necessitam de lanterna para enxergar o caminho, tão affeitos estão áquellas trevas. Encostamo-nos na parede para dar passagem, e entramos com os pés numa poça mais funda de lama.

— Diabo! Isto aqui é difficil!...

E quando pensavamos em como seria bom sahir dalli, pois parecia-nos estar ainda no coração do Cantagallo, os nossos olhos, que acompanhavam o caminho da lanterna pelo chão, deram de repente com a sahida clara da porta. Mais alguns passos, e eis-nos fóra, de novo.

O dia claro punha pedaços de sol em todos os recantos daquelle quadro enorme, até os horizontes, lá longe, onde os morros altos esbarram no ceu...

O MORRO DO SABIÁ

De volta da fazenda de São José, passamos pelo morro do Sabiá, nas terras do sr. João Negreiros de Almeida Prado, que nos acompanhara durante toda a excursão.

Tambem alli se anda á caça do metal precioso. Em varios pontos mesmo, o Chico Loterio (daqui a pouco vamos vêr quem é o Chico Loterio) já abriu buracos, tendo encontrado em um delles grandes vestigios de ouro.

Falou do "Borbinha", antigo dono da fazenda S. José.

— Eu com elle andamos muita vez em cima do Jaraguá e muita pedra "batteiepos". Agora, a fazenda é do Inglez, que me pegou para o serviço delle. Eu estou aqui campeando outro no Sabiá, para o "seu" João, e já descobri pedra bonita em muitos pontos.

— Mas, Chico Loterio, é verdade que as minas são assombradas? Qual, nós é que não acreditamos nisso!

— Pois fique o patrãozinho aqui de noite e vae ver se têm ou não...

E como duvidassemos mais um pouco, o Chico Loterio, que já nos tinha pedido fogo duas vezes para o seu cigarro, contou toda a historia. E principiou até falando do seu baptisterio, como para nos mostrar que elle sabia mesmo onde tinha o nariz...

IDE'AS DE GARIMPEIRO

— Eu sou Chico Loterio, da Freguezia do O'. Um dia, appareceu casa de marimbondo no tecto da egreja. Foi, e o padre deixou o pessoal tocar fogo nelles, durante a noite. De manhan, a egreja estava que era só cinza, toda arrebentada que nem vidro!

Por detrás de Voturuna, a tarde ia morrendo em Aracariguama. Mas o sol, lá de longe, ainda vinha bater nas abas largas de chapeu de Chico Loterio, que dizia essas coisas sentado sobre os calcanhares, meio encostado ao mourão do curral.

— Foi nesse fogo que se perdeu o meu baptisterio, mas eu sei que nasci no dia seis de Fevereiro de 1871. Depois, quando eu vim p'ra cá, tinha dezesete annos. E ha quarenta, patrãozinho, que campelo mineral ahi por essas "morralada" acima. E toda a hora procurando ouro: abre buraco aqui, abre buraco alli, até a gente dar com os olhos nas pedras bonitas. A's vezes, custa; e passam annos e annos, e não se vê nada...

— Vá contando Chico Loterio.

— Mas, o ouro existe; o encantamento delle é que não deixa a gente descobrir. Ha quanto tempo, por exemplo, tem ouro no morro do Sabiá, sem ninguem saber de nada? Todo mundo só dizia que na lagôa, ao pé delle, morava uma criança, que de noite chorava assim: "Nhê... nhê... nhê... chiê..." E ninguem não sabia o que era. Pois só agora eu comprehendi. A pitá, patrãozinho, chamava tres vezes quem passava: "Nhê... nhê... nhê..." E depois, gritava sombando: "Chiê..." como para chamar o tal de bôbo, que andava por "riba" das coisas boas sem ver nada...

— Adiante, Chico Loterio.

— Ha uns que dizem que é assombração, bruxa, alma do outro mundo que os mineraes têm. Mas, não é nada disso, não. E' só o encantamento proprio delles. Pois o patrãozinho não sabe que elles só se mostram para certas pessoas? As outras podem até morar em cima delles que não vêm nada. Campeiam, campeiam, campeiam: qual nada! O encantamento não desapparece mesmo. Só se baptisar a mina; ahi, o ouro se mostra.

— Como é isso?

— Basta matar alguem num logar onde tenha ouro. Cahiu sangue em cima — prompto! Qualquer pitá, depois, é capaz de descobrir o mineral. Mas, quem é agora que vae matar alguem por causa de ouro?!

— Ninguem, Chico Loterio...

— Mas, não é só o ouro, não. Todos os mineraes têm encantamento. Eu sei, por exemplo, que perto da porteira da fazenda do Inglez mora um diamante. De noite, a gente passa e elle está allumiando as pedras, o mato e tudo em roda. Vae, e a gente procura ir chegando devagarinho, devagarinho... De repente, o bruto some: ninguem mais não vê nada! Muitos já cortaram o dedo para attrair sangue em cima delle, mas foi atoa. Quem é ladino não chega nem até mais perto. E o barulhão que tem nas minas, de noite? Aquillo é só vendo, patrãozinho!

— Pois conte, Chico Loterio.

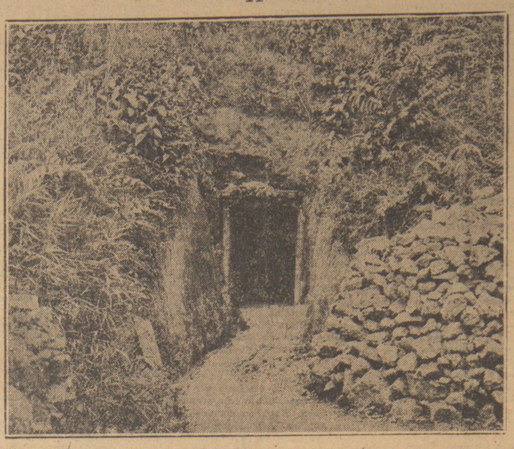
— O patrãozinho não vê que não tem ninguem aqui que trabalhe em mina, de noite? Não tem perigo: o pessoal não vae mesmo. Os que não querem contar que têm medo, arranjem doença. Ha gente aqui que corta o pé para servir de desculpa. Uma noite, o Inglez pôz o povo trabalhando no tunnel. Foi a ultima vez! De repente, quando o povo estava cavocando, aquillo fez como se tivesse desabado: plásáá! A gente logo pensou que ia ficar preso no subterraneo, e desandou a correr até á bocca delle: não tinha cahido nem um torrãozinho de terra! Mas, ahi, quando o pessoal já estava fóra, foi uma chuva de pedradas que não acabava mais. Era pedra que vinha, ninguem sabe de onde, e que cahia perto da gente, mas não batia em ninguem. Depois dessa vez, nunca mais o povo quiz saber de trabalhar de noite, nem de andar perto da mina.

Alli mesmo no morro do Sabiá têm duas casinhas novas, que ninguem ainda morou nellas. Pois nem de presente tem quem queira viver lá. Diz que de noite, é porta que bate, chão que treme, criança que grita!...

A tarde tinha morrido em Aracariguama. No ceu, estavam apparecendo as primeiras estrellas. Lá mesmo do lado de Voturuna, por onde o sol tinha morrido, Chico Loterio levantou. Cuspinhou pela centesima vez e limpou de novo com o lenço vermelho do pescoço os labios queimados de frio.

Nisto, como uma estrella cadente, tivesse riscado a noite, indo despenhar-se por cima da mataria alli perto, o Chico Loterio arregalou os olhos, e apontou depressa com o dedo, medroso de que duvidassemos depois da sua palavra:

— Viu? Viu? Foi mais um pedaço de ouro para o Sabiá!



O tunel do Jaraguá, na fazenda de São José

O sr. João de Almeida Prado e sua exma. senhora, que estiveram commosco na visita ás minas do Jaraguá

"Eu sou Chico Loterio, da Freguezia do O'..."

Tribunal do Jury

Após a abertura da sessão inaugural de hontem do Tribunal do Jury, de que damos noticia noutro local, foi chamado a julgamento o reu preso Francisco Marsaio, accusado de ter ferido gravemente Drago Janotich, no dia 16 de Dezembro de 927, ás 18 horas, num botequim de sua propriedade, em Villa Mariana.

O reu foi absolvido, por unanimidade de votos, tendo sido jurados pelos seguintes jurados, que compunham o conselho de sentença: srs. dr. Cincinato Leite Ferreira, dr. Edgard Leite Prado, dr. Eduardo Pinheiro Lima, dr. Paulo José da Costa, Luiz Espinheira, dr. João B. Ribeiro Prado e Ataliba Rocha Filho.

Varias

Os individuos, contratados para serviço de descarga de um vapor Rochelle, dirigiram-se ontem ao logar do trabalho, guindastes de serviço, não puderam funcionar: tendo sido o gelo durante a noite nos canos interiores aparelhos. Mais de duas horas foram na reparação das avarias. Durante esse tempo os operarios cruzaram de braços cruzados, conversar e a fumar. Terminou, no fim da sessão para o pagamento do gelo, tentou esse tempo de paralisação forçada. Os operarios pretendiam: o que lhes deveria, fizeram. A' hora do pagamento, não trabalharam. Alegaram não ter trabalhado. Foi por isso que não funcionaram.

...ção?

...mesmo é que não ...do ao pagamento ...horas durante ...dastes estiveram ...ram estragados ...gelo em quan... ...e um facto im... ...a meu favor, ...tificar a atti... ...m caso de força.

...não sahiu ven... ...justiça. Aqui ...do principal da ...roferiu na cau... ...s armaram: ...temperie, que ...algumas horas ...rario, o salario ...uma reducção ...corrupção que

...ce elogios pela ...prestando ás ...ia Justiça.

...orte de acabar ...terlamos tão ...a Justiça de S.

...custeio das ...tado. Só a taxa ...até hoje varios ...t, como se verá ...se segue, e ...inuará a ven...

...as faça o go... ...precisa ser ma... ...o e por fóra. ...as ordinarias, ...das e de com...

...tistica do que ...Alliança: ..., arrecadada ...905.

110:871$525
131:243$061
210:075$046
220:615$347
222:261$084
204:177$954
226:132$176
235:619$519
304:987$971
317:019$724
304:254$528
291:222$555
307:062$824
307:411$830
423:285$577
413:920$095
448:061$368
334:916$609
447:108$535
470:221$420
574:378$738
661:226$209
871:962$427

8.174:418$424

...cio de 1928 foi ...00$000, sendo ...a de 2.000:000$. ...cio do corrente ...m 2.000:000$000.

da Saude

...nsa extin... ...o este mez ...arella, em ...tho

...NTE. 16 (*Es... ...te do Rio ches... ...a capital e dir... ...rector da Sa... ...viajou domin... ...afim de certifi... ...te do estado ...lade, para to... ...ldas que fos...

...lhães chegou ...nocturno do

...afim de co... ...scas, tendo ...dito que o ...s fócos con... ...ram assim as ...maior con...

...poder affir... ...s transmis... ...a setenta ...m continua... ...os fócos pe...

...10 pessoas, ...28 os ca... ...verificados ...a molestia. ...so todos os

...da Saude ...ler dominar ...deste mez. ...es mostrou ...localidade, ...ent, especial... ...dos os fó... ...facilitar ...a.

...Publica ...não esque... ...to nenhum ...do ataque

BAREA
...aro
...to, cosmet...
...bellos.

Delegacia Fiscal

Expediente do dia 15.
Requerimentos:
de Emilio Rocchetti, director proprietario do "Il Pasquino Coloniale", pedindo registo de papel de impressão — Restitua-se á alfandega de Santos;
de Antonio Galvão, director do jornal "Tribuna Popular", de Itapetininga, pedindo o registo de papel — Com a informação prestada, restitua-se o processo á Alfandega de Santos;
do Conego Antonio Marques Henrique proprietario da "Luz d'Apparecida", pedindo o registo de papel de impressão — Restitua-se o processo á Alfandega de Santos;
de Isaac Ferreira e d. Olympia Meirelles, proprietarios de uma fonte, na estação de Visconde de Parnahyba, em Jardinopolis, reclamando contra decisão do collector da primeira collectoria de Ribeirão Preto, sujeitando a mesma agua á taxa de $150 por cada garrafão — A' primeira collectoria de Ribeirão Preto, para fim indicado;
— A' 2.a collectoria de Campinas foi expedida portaria, autorisando a pagar durante o corrente anno o observador e ajudante de observador da estação climatologica daquella cidade.
Expediente do dia 16:
Requerimentos:
de d. Maria Elisa Pereira, tutora do menor Argemiro Gandra, pedindo pagamento de pensão de montepio — Autorise-se, pela collectoria de Jundiahy;
do capitão José Sabino Maciel Monteiro Filho, pedindo restituição de 1$000 de contribuições a mais para o montepio. — Solicite-se o credito á directoria da Receita;
de d. Virginia Fasoli C... tardi, pedindo a transferencia para o seu nome do dou... util de parte de um proprie... cional, á rua General Ca... n.o 57, Santa Capital, afor... Vicente Berti e Lionello ... — Baixe-se portaria au... do a transferencia e ... processo á 2.a consado... extrahir as necessarias ... para o pagamento do ...
de Trenhini & Mem... rendo de classificação ... raizes medicinaes o... ticionarios querem ... ficada como herva ...
— Ouça-se a Comm... rifa da Alfandega ... remettendo-se amo... cadoria;
da Sociedade P... vegação "Mataraz... pedindo aforamen... de marinha em ...
— Ouça-se a ... taria do Guar... de Antonio P... collectoria Fe... pedindo vinte ... to — Deferido ...
de d. Ma... Silva, viuva ... do Instituto ... vencio Jesu... que foi, da ... Alfandega ... pagamento ... culo a q... reito. — ...
de Pedr... agente f... tuição ... buições ... Entregu... certidão ... Souza ... ral, ... se ... de F... na;

SALAS proprias
alugam-se no centro
Trata-se á rua
50 — 1.° andar.

PYORRHE'A

No R...
"O ESTA...
encontrado
de fornec...
E. F. C...
PRAÇ...
RUA ...
Av...
Av...
Av...
Av...
C...
L...
L...
L...

"O...
F...
...ccurso
...mediat...
SAN...